



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

FLEXIBILIZAÇÃO CURRICULAR: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA COM UM ESTUDANTE SURDO DO ENSINO TÉCNICO INTEGRADO AO MÉDIO DE UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA

Judith Mara de Souza Almeida ¹

RESUMO

A inclusão educacional de estudantes surdos tem sido desafiadora, mesmo com a promulgação dos direitos desses estudantes na Lei nº 10.436/2002, no decreto 5626/2005 e na Lei 13146/2015. A experiência tem nos colocado diante de situações de surdos que tiveram seu direito à educação negligenciado, requerendo, portanto, flexibilizações de caráter significativo para romper com a condição de excluídos da classe comum. O objetivo desta pesquisa é narrar uma experiência de flexibilização curricular para um estudante surdo do primeiro ano do ensino técnico em agropecuária integrado ao médio de uma instituição pública de ensino de um município de Santa Catarina. Para tanto, adoto como percurso teórico-metodológico a pesquisa narrativa a partir do contar de histórias. Para analisar a experiência, parto da composição de sentidos. Os resultados apontam que há muitos desafios a serem vencidos para efetivar na prática a inclusão educacional do surdo, como a formação do professor da escola comum para atender às diferenças, romper com o mito da homogeneização que insiste em permanecer no contexto educacional, entre outros. Demonstram benefícios alcançados com as flexibilizações curriculares adotadas para a inclusão do estudante surdo que ao final de um ano apresentou evolução nos seguintes aspectos: aprendizagem da Libras – Língua Brasileira de Sinais; aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua; interação com pares ouvintes e surdos, inclusive com o envolvimento de estudantes ouvintes no processo de aprendizagem da Libras; construção de conhecimentos acadêmicos e de mundo. Na experiência vivida com o estudante surdo, a flexibilização curricular foi fundamental, mesmo havendo a necessidade de ampliar o tempo de conclusão do ensino médio.

Palavras-chave: Flexibilização Curricular, Estudante Surdo, Inclusão.

INTRODUÇÃO

A efetivação da inclusão do estudante surdo na prática requer que pensemos para além da presença física em sala de aula, faz-se necessário que ele tenha possibilidade de participar

¹ Docente de Atendimento Educacional Especializado Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense, campus Araquari, SC. Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia. Área de atuação: Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. judith.almeida@ifc.edu.br.



ativamente do processo de construção de conhecimentos, e, principalmente, que não seja desvalorizado com base em suas diferenças. Foi a partir desse pensamento, que foram estabelecidas flexibilizações curriculares que pudessem favorecer a inclusão de um estudante surdo de quinze anos no primeiro ano do ensino técnico em agropecuária integrado ao médio de uma instituição pública de ensino de um município de Santa Catarina. Esse estudante havia concluído o ensino fundamental com pouco conhecimento em Libras e sem aprender, na modalidade escrita, a Língua Portuguesa. Ele ingressou na instituição pelas cotas destinadas às pessoas com deficiência. No ato da matrícula, fomos informados pela mãe do estudante que ele não sabia, ainda, ler e escrever em Língua Portuguesa e que os dois se comunicavam utilizando sinais caseiros que eles criaram no dia a dia, conforme a necessidade de interação e comunicação entre mãe e filho.

A partir dessas informações, houve grande alvoroço na escola. As opiniões se dividiram entre aceitar ou recusar o estudante, denunciar o fato ao poder público e responsabilizar a escola anterior etc. Foi então, como uma das professoras responsáveis pelo Atendimento Educacional Especializado da instituição, que percebi a necessidade de intervir e esclarecer aos profissionais, principalmente aos docentes, que o estudante estava ali por direito e que independente da história educacional anterior vivida por ele, precisávamos assumir nossa responsabilidade de não somente recebê-lo, mas, principalmente, de buscar alternativas que possibilitassem seu desenvolvimento acadêmico-pessoal-profissional, já que temos o compromisso com a formação integral e politécnica dos estudantes e, também, com a inclusão educacional. Assim sendo, elaborei uma proposta de flexibilização curricular com o objetivo de favorecer a inclusão do estudante surdo na classe comum, eliminando/minimizando as barreiras que poderiam continuar impedindo ou dificultando esse processo. É essa experiência que pretendo compartilhar na presente pesquisa, cujo objetivo geral é narrar e analisar uma experiência de flexibilização curricular para um estudante surdo do primeiro ano do ensino médio integrado ao técnico em agropecuária. Como objetivos específicos, descrever flexibilizações de acesso, significativas e não significativas do currículo e, ainda expor suas finalidades e problematizar suas consequências. Vinculadas aos objetivos, propomos responder às seguintes questões: 1) como flexibilizar o currículo para favorecer acessibilidade e inclusão de um estudante surdo na classe comum? 2) Quais as finalidades e consequências de uma flexibilização curricular?

Tomo como base o conceito de adaptação curricular de Carvalho (2008) para elaborar o de flexibilização curricular como sendo os ajustes ou as modificações, das mais simples às mais complexas, realizadas para atender às necessidades de estudantes, de maneira a ampliar suas possibilidades de participação no processo de construção de conhecimentos. Opto por



flexibilização e não adaptação, visto que o segundo termo parece carregar consigo a ideia de um outro currículo.

Com base em Carvalho (2008), classifico as flexibilizações curriculares como: flexibilizações de acesso ao currículo; flexibilizações não significativas; flexibilizações significativas.

As flexibilizações de acesso ao currículo referem-se aos recursos técnicos e materiais, além da remoção de barreiras arquitetônicas (CARVALHO, 2008). No que diz respeito ao estudante surdo, podemos citar a presença do tradutor/intérprete de Libras em sala de aula e também em outros espaços organizados para desenvolvimento das situações sistematizadas para ensino e aprendizagem.

Já as flexibilizações curriculares não significativas, dizem respeito a pequenos ajustes nos aspectos relacionais, materiais, organizativos e nos elementos curriculares (CARVALHO, 2008). Para o estudante surdo a que se refere esta pesquisa, a interação entre ele e o professor no contexto escolar era mediada pelo tradutor/intérprete de Libras e os materiais de ensino organizados de maneira a contemplarem as características individuais do estudante, como o fato do apoio de imagens para ampliar a possibilidade de compreensão da Língua Portuguesa, por exemplo.

Nos elementos curriculares, as modificações podem acontecer também nos objetivos e conteúdos, acarretando algumas priorizações ou mesmo a eliminação de objetivos ou conteúdos secundários; na seleção de atividades que podem ser em maior número para trabalhar um mesmo conteúdo; nas experiências de aprendizagem ou, ainda na diversificação das propostas ou instrumentos de avaliação (CARVALHO, 2008). Vale destacar a necessidade de cautela, no sentido de não ofertar menos pelo fato do estudante ter como uma de suas características a deficiência.

Sobre as flexibilizações curriculares significativas, destaco seu caráter excepcional e a necessidade de rigorosas observações, discussões em equipe e com a participação da família e do estudante. Essas flexibilizações são realizadas quando há a presença de severas dificuldades, pois podem ser eliminados conteúdos e objetivos básicos para a introdução de outros não previstos, isso de maneira temporária ou não. Podem, ainda, ocorrer flexibilizações no tempo e nas avaliações. As flexibilizações significativas levam em conta as aprendizagens e não o desenvolvimento integral do currículo (CARVALHO, 2008).

Tendo como referência os conceitos anteriormente apresentados, compartilho um quadro com as flexibilizações curriculares propostas para a inclusão do estudante surdo:

Quadro 1- flexibilizações curriculares



| Tipo de flexibilização | Ação ou ações que a caracterizam | Finalidade |
|---------------------------------------|--|---|
| Flexibilização de acesso ao currículo | Presença do tradutor/intérprete de Libras durante as aulas em contextos de aula internos e externos destinados às atividades práticas. | Acessar os conteúdos e participar do processo a partir da interação com os pares. |
| Flexibilizações não significativas | Uso de recursos visuais para apoiar o estudante no processo de compreensão dos conteúdos (imagens, vídeos). Realização de atividades avaliativas alternativas, como provas em libras gravadas em vídeo com o apoio das tradutoras/intérpretes ou, ainda, outras formas de avaliação, como elaboração de portfólio, por exemplo. Atividades variadas sobre um mesmo conteúdo. Tempo adicional para realização de atividades avaliativas e sala separada para este fim. | Favorecer a compreensão. Possibilitar atividades que permitam ao estudante compartilhar suas aprendizagens. Favorecer o entendimento. Favorecer ambiente adequado e tempo necessário para elaboração das atividades. |
| Flexibilizações significativas | Aprendizagem da Libras como prioridade no currículo do estudante. | Atender às necessidades Específicas do estudante. |



| | | |
|--|---|---|
| | Matrícula ativa nos componentes curriculares: Língua Portuguesa, Matemática, Educação Física e Práticas Profissionais. | Favorecer a integração na turma, bem como a possibilidade de envolvimento com a aprendizagem da Libras. |
| | Exclusão da matrícula nos demais componentes. | Considerar e valorizar os conhecimentos construídos e o desenvolvimento do estudante. |
| | Eliminação/substituição de conteúdos e objetivos básicos até que o estudante construa conhecimentos que o permitam participar do currículo organizado para a maioria. | Respeito ao ritmo do estudante. |
| | Flexibilização do tempo. | |

Fonte: arquivos do AEE elaborados pela pesquisadora/participante.

Essas foram as flexibilizações propostas para o estudante e que possibilitaram sua participação nos processos de ensino e aprendizagem, considerando suas necessidades específicas. Os resultados do trabalho serão apresentados no decorrer deste texto. A seguir, passo a apresentar a perspectiva teórico-metodológica utilizada para alcançar os objetivos propostos, bem como responder às questões de pesquisa.

METODOLOGIA

O percurso teórico-metodológico usado para desenvolver este estudo foi a pesquisa narrativa, que possibilita compreender a experiência como história vivida (living) e/ou contada (telling). Nessa perspectiva, a narrativa é objeto e método de pesquisa. Objeto, porque nós, pesquisadores, concentramos nossos esforços para compreender a experiência estudada. É,



também método, porque é narrando que apresentamos e discutimos nosso objeto de estudo e, ainda, compomos sentidos da experiência vivida (CLANDININ; CONNELLY, 2000, CONNELLY; CLANDININ, 2004, 2011).

O conceito de experiência a que esses autores se referem baseia-se na perspectiva Deweyana que a caracteriza pela interação contínua do pensamento humano com o ambiente pessoal, social e material, ou seja, a experiência é compreendida como:

[...] as histórias que as pessoas vivem. As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros [...] (CLANDININ; CONNELLY 2004, p 27).

Para esses autores, a experiência pode ser fonte de entendimento e de conhecimento, visto que pesquisadores narrativos estudam experiências de indivíduos no mundo e buscam maneiras de compreender como elas são vividas e compostas.

Na presente proposta, caracterizada como *telling* ou o contar de uma experiência, narro uma história vivida por mim, pesquisadora/participante com um estudante surdo no atendimento educacional especializado, envolvendo a flexibilização curricular.

O contexto onde a experiência aconteceu foi uma escola pública de um município de Santa Catarina, onde o estudante surdo escolheu cursar o ensino técnico em em agropecuária integrado ao médio. É uma instituição que oferece ensino médio, técnico e tecnológico e, ainda, curso superior, além de formação continuada em diversas áreas do conhecimento. Conta com mais de mil estudantes distribuídos em vários níveis de ensino. Para estudantes público-alvo da educação especial é ofertado o Atendimento Educacional Especializado, ou seja, um conjunto de atividades e recursos pedagógicos e de acessibilidade, prestado de forma complementar ou suplementar aos estudantes com deficiências e/ou transtornos, altas habilidades/superdotação que frequentam a classe comum de todos os níveis e modalidades de ensino (BRASIL, 2008).

Os textos de campo para esta pesquisa são compostos por documentos elaborados por mim no atendimento educacional especializado, a fim de registrar as adaptações curriculares realizadas com o intuito de favorecer a inclusão do estudante surdo na classe comum. Para analisar esses textos, utilizo a composição de sentidos assumindo a interpretação como o resultado da interação entre textos de campo e a intervenção das nossas experiências pessoais e profissionais. Sentidos podem ser compostos a partir da leitura e releitura dos textos de campo, pensamento e compreensão sobre eles, sua escrita, reescrita e interpretação, ou até mesmo, a exposição e discussão em grupos de apoio (ELY; VINZ; DOWNING; ANZUL, 2001).



Foram muitos os resultados positivos apresentados pelo estudante desde o início da efetivação das adaptações propostas para o atendimento às necessidades dele. Essas adaptações tiveram início em 07/02/2018. Ao final do semestre letivo, em julho de 2018, o estudante apresentava desenvolvimento significativo na Libras, a ponto de não mais ser compreendido pela mãe. Todas as vezes que eles necessitavam de estabelecer diálogo, ele enviava um vídeo para uma das intérpretes que fazia a tradução para a Língua Portuguesa, a fim de que a mãe pudesse entendê-lo. Para que ele ampliasse seus conhecimentos sobre a Libras, foram envolvidos profissionais como: professor de Libras; tradutor/intérprete de Libras; professor de AEE, além do convívio com pares surdos proficientes em Libras fora do contexto educacional.

O professor de Libras atuava em dois momentos específicos, no AEE em Libras, a fim de que o estudante pudesse ter melhor acesso aos conteúdos desenvolvidos em sala de aula; no AEE de Libras, possibilitando a ampliação de conhecimentos sobre a Libras. O professor de AEE atuava no ensino de Língua Portuguesa como segunda Língua, com o apoio do tradutor/intérprete de Libras. Esses momentos são orientados para o AEE para surdos (Brasil, 2008).

A interação com pares surdos ocorreu em alguns encontros, às sextas-feiras no período noturno, em que uma das intérpretes realizava um encontro para surdos em sua residência e que tinha como regra a interação somente a partir da utilização da Libras. Houve também a participação do estudante em uma plataforma de ensino em Libras online, Plataforma “surdo para surdo”, disponível em: <https://surdoparasurdo.com.br>, a fim de que ele pudesse interagir com tutores surdos em Língua de Sinais uma vez por semana na sala destinada ao AEE.

Com a evolução apresentada na Língua de Sinais, foi possível a matrícula do estudante em mais dois componentes curriculares, história e geografia, a partir de agosto de 2018.

A convivência com o estudante surdo, além do trabalho colaborativo com o professor de atendimento educacional especializado e intérpretes/tradutores de Libras, possibilitou aos professores e outros profissionais da educação a construção de conhecimentos sobre o surdo, os recursos que apoiam os processos de ensino e aprendizagem desse estudante, bem como a elaboração, execução e vivência prática de flexibilizações de acesso ao currículo; flexibilizações não significativas; flexibilizações significativas.



Ter um estudante surdo na escola motivou alguns ouvintes a se interessarem e aprenderem a Libras. Particularmente, consegui avançar dos conhecimentos básicos em Libras para o nível intermediário em um processo de formação que pretendo ampliar para o avançado.

Ao final do ano letivo de 2018, o estudante conseguiu concluir com êxito as disciplinas cursadas, possibilitando à equipe de AEE, composta pelo docente de AEE, pedagogo e psicólogo, estabelecer ações futuras, como a inserção das outras disciplinas que compõem o currículo do curso e que o estudante não teve acesso durante o primeiro ano na instituição.

A experiência com o estudante surdo levou-nos a inúmeras reflexões durante as reuniões pedagógicas, principalmente sobre a necessidade de estruturarmos ações formativas sobre a inclusão de estudantes com deficiências na classe comum.

Para além das aprendizagens acadêmicas do estudante, considero fundamental apontar as aprendizagens sobre a vida, ou seja, a ampliação do conhecimento de mundo do estudante surdo, além da desconstrução de preconceitos que ele sustentava. Em ocasião de um trabalho de leitura de um texto sobre a utilização de cão-guia por pessoas cegas, citamos uma professora da instituição e mostramos uma foto. O estudante duvidou que uma pessoa cega pudesse ser professor, foi então, que buscamos imagens da professora em situação de aula, palestra ou outros trabalhos que o apoiaram na desconstrução do preconceito. Outra experiência nesse sentido foi apresentada pelo estudante em forma de questionamentos envolvendo o processo de eleição vivido pelo país. As dúvidas surgiram durante as aulas, pois os estudantes, mesmo não votando devido à idade, queriam expor seus posicionamentos políticos, além de problematizar a escolha de candidatos pela família. Nessa experiência, o estudante surdo questionou o que era o voto? Quem votava e por quê? Pode também, ampliar ainda mais seus conhecimentos, vivenciando a organização para eleição do grêmio estudantil da escola, desde a apresentação até acompanhamento das campanhas e votação para escolha do grupo que ficaria à frente na representação e lutas pelos interesses dos estudantes.

A fim de interpretar os resultados da pesquisa, percebo a necessidade de retomar as questões propostas no estudo e apresentar as possíveis respostas, considerando a experiência vivida e narrada. São elas:

- 1) como flexibilizar o currículo para favorecer acessibilidade e inclusão de um estudante surdo na classe comum? Primeiro, é fundamental conhecer a história do estudante para somente depois analisá-la e propor ações. Por mais que haja estudos já realizados sobre o tema “Educação e inclusão de surdos”, não há receitas prontas, visto que cada ser é único, singular e precisa ser considerado conforme suas peculiaridades. Assim, é necessário conhecer as



experiências passadas do estudante, analisar as possibilidades no presente, a fim de projetar ações para o agora, bem como mudanças necessárias no futuro.

2) Quais as finalidades e consequências de uma flexibilização curricular? Além de possibilitar o acesso ao currículo e atendimento às necessidades específicas de um estudante com deficiência, há que se considerar que é possível que haja prejuízos para o estudante, como a ampliação do tempo para conclusão do curso e, conseqüentemente entrada tardia no mundo do trabalho, ao passo que geralmente os estudantes concluem o ensino médio e já buscam colocação profissional. Além disso, mesmo que sem intenção, acabamos por estabelecer limites ao estudante ao propomos uma flexibilização curricular significativa, quando na realidade parece extremamente complexo determinar o que o indivíduo pode ou não aprender. Por isso, é fundamental agir com cautela na proposição de flexibilizações curriculares, especialmente aquelas significativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos com a presente pesquisa, que a inclusão do estudante surdo na classe comum trouxe muitos benefícios para o estudante, mas também para toda comunidade escolar, pois nos permitiu aprender com a experiência e projetar mudanças futuras para melhor atender às diferenças dos estudantes.

Observamos também que temos inúmeros desafios a serem vencidos, como a concepção de currículo como algo rígido que alguns profissionais da educação ainda defendem e insistem em colocar em prática, o que acaba por dificultar o processo de inclusão. Nessa perspectiva, ou seja, da educação inclusiva do surdo, o currículo precisa se aberto e flexível, o que não significa estruturar e desenvolver outro currículo, mas possibilitar aprendizagens significativas, incluindo aspectos da realidade, motivando a participação e a construção de conhecimentos por parte de todos. Requer, também, que se leve em conta a pluralidade e o fato de que todos podem aprender, ainda que em ritmos e estilos variados, o que inclui modificações em nível individual para atender às necessidades de cada estudante.

REFERÊNCIAS

RASIL, lei nº 13.146, de 6 de julho. de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/ Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Aceso em 15/01/19.



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10.11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

_____. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva.** SEESP/MEC, 2008.

_____. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em 14/01/2019.

_____. **Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 14/01/2019.

CARVALHO, R. E. **Escola inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico.** Porto Alegre: Mediação, 2008.

_____. **Removendo as barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva.** Porto Alegre: Mediação, 2010.

CLANDININ, D.J.; CONNELLY, F. M. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research.** San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

CONNELLY, M.; CLANDININ, D.J. **Narrative inquiry.** Complementary Methods for Research in Education. 3. Ed. Washington: American Educational Research Association, 2004.

_____. **Pesquisa Narrativa: Experiência e História na Pesquisa Qualitativa.** Tradução: GPNEP. Uberlândia, EDUFU, 2011.

ELY, M.; VINZ, R.; ANZUL, M.; DOWNING, M. **On writing qualitative research: living by words.** London and Philadelphia: Routledge Falmer, 2001, 411 p.